

CULTURA ESCOLAR NOS CADERNOS DE UM PROFESSOR DE ESCOLA RURAL (CORRALITO-MT, 1930 A 1960)

Kênia Hilda Moreira*

lattes.cnpq.br/0719411495759181

Luzia Aparecida Moraes Dutra**

lattes.cnpq.br/2285562934482060

Resumo: Objetiva-se evidenciar a presença da cultura escolar pela análise de cinco cadernos que pertenceram ao Professor João Pantalhão Dourisboure, que lecionou entre as décadas de 1930 e 1960, na Escola Rural Corralito, sul de Mato Grosso. Os cadernos e demais fontes utilizadas pertencem a um acervo particular. Como referencial teórico, segue-se a perspectiva da cultura escolar, da cultura escrita e da história regional, ancoradas na Nova História Cultural. A análise permitiu evidenciar as dificuldades de acesso a materiais escolares, no contexto analisado, levando à confecção artesanal de cadernos a partir do aproveitamento de papéis diversos. Sobre o conteúdo escrito nos cadernos, destaca-se vestígios de características marcantes da Era Vargas, como a ênfase nos conteúdos de gramática da língua portuguesa, que suscita o cumprimento dos decretos de proibição por Getúlio Vargas de outra língua que não fosse a portuguesa, considerando-se especialmente a região de fronteira onde se localizava a Escola Corralito, fronteira como Paraguai. Outro vestígio foi a preocupação em reforçar a importância do trabalho, essencial para as relações sociais e a construção do país no período do Estado Novo. Destaca-se, por fim, a importância da conservação dessas fontes, que apresentam “testemunhos insubstituíveis” sobre as práticas escolares.

Palavras-chave: Cadernos; Cultura escolar; Era Vargas; História da educação brasileira.

PRESENCE OF SCHOOL CULTURE IN A TEACHER'S NOTEBOOKS OF RURAL SCHOOL (CORRALITO-MT, 1930-1960)

Abstract: The objective of this study is to show the presence of the school culture through the analysis of five notebooks belonging to teacher João Pantalhão Dourisboure, who taught in the 1930s and 1960s at the Rural School Corralito, south of Ma-

* Doutora em Educação Escolar. Docente da Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD (Brasil). Contato: keniamoreira@ufgd.edu.br.

** Especialista em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD (Brasil). Contato: luzia_apmoraes@hotmail.com.

to Grosso, Brazil. The notebooks and other sources used belong to a particular collection. The theoretical reference is from the perspective of school culture, written culture and regional history, anchored in the New Cultural History. The analysis revealed the difficulties of access to school materials in the analyzed context, leading to the handmade making of notebooks from the use of diverse ways. On the contents written in the notebooks, there are traces of striking features of the Vargas Age, such as the emphasis on the grammar content of the Portuguese language, which provokes the compliance with the decrees of prohibition by Getúlio Vargas of another language that was not Portuguese, especially considering the border region where the Corralito School was located, near Paraguay. Another vestige was the concern to reinforce the importance of the work, essential for the social relations and the construction of the country in the period of Estado Novo in Brazil. Finally, the importance of conserving sources such as these, which present "irreplaceable testimony" about school practices.

Keywords: Notebooks; School culture; Vargas Era; History of Brazilian Education.

* * *

Sou eu que vou seguir você
Do primeiro rabisco / Até o be-a-bá.
[...] O que está escrito em mim
Comigo ficará guardado / Se lhe dá prazer
A vida segue sempre em frente
O que se há de fazer...
Só peço à você / Um favor, se puder
Não me esqueça / Num canto qualquer¹

O Professor João Pantalhão Dourisboure que lecionou entre as décadas de 1930 e 1960 na Escola Rural Corralito, em Patrimônio União, distrito do município de Ponta Porã, sul de Mato Grosso², deixou alguns cadernos, utilizados por ele durante sua prática docente, os quais se apresentam, no neste artigo, como principal fonte de investigação, sobre elementos da cultura escolar desse tempo-espacô delimitado. Esses cadernos “não foram esquecidos num canto qualquer”, foram guardados

¹ Trecho da música “Caderno”, de Toquinho, 1983.

² A região pertence, hoje, ao estado de Mato Grosso do Sul, criado em 1977 pela Lei complementar n. 31, de 11 de outubro.

pelo Professor Almiro Pinto Sobrinho, a quem se agradece pela disponibilidade do material, bem como pelas valiosas contribuições como informante para esta pesquisa³. Como um historiador /pesquisador, que na sua busca incessante pelo saber vai recolhendo vestígios do que “ficou guardado”, do que foi esquecido, do que está por ser lembrado, do que existe, debruça-se sobre os referidos cadernos. Sobre cadernos, Vinão Frago (2008, p. 22) afirma que:

Quer se contemple desde a história da infância, da cultura escrita ou da educação, nunca se deve perder de vista que, em última análise, o caderno é produto da cultura escolar, de uma forma determinada de organizar o trabalho em sala de aula, de ensinar e aprender, de introduzir os alunos no mundo dos saberes acadêmicos e dos ritmos, regras e pautas escolares.

Nesse sentido, os cadernos do Professor João Pantalhão Dourisboure são aqui analisados como parte da cultura escolar e da história da educação na região de Amambai, conhecida, até os anos de 1940, como “Vila União” ou “Patrimônio União”, no extremo sul de Mato Grosso uno⁴. O recorte temporal delimita-se em função das datas encontradas nos referidos cadernos e nos documentos pessoais do Professor Dourisboure, indo da década de 1930 à 1960.

A história dos processos de escolarização na cidade de Amambai, hoje Mato Grosso do Sul, evidencia a preocupação dos primeiros moradores dessa região com a instrução de seus filhos e os meios usados para atender a essa necessidade, como afirma Sobrinho (2009, p. 171) no livro *Amambai: memória e história de nossa gente*.

³ Os cadernos analisados, bem como as demais fontes apresentadas no corpo deste texto: fotografias, nomeação, certificado de habilitação e diário oficial, foram cedidos pelo Professor Sobrinho, como parte do seu acervo particular.

⁴ Justifica-se o nome de “Patrimônio União” porque desde o início da construção do povoado, nos idos de 1900, eles sempre se reuniam para tratar dos interesses em comum. Assim sendo, eles se chamavam de “Patrimônio União” ou “Vila União”. Porém, por sugestão dos técnicos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1945, quando estudavam a demarcação do então “Território Federal de Ponta Porã”, o nome da cidade foi mudado. O intuito era evitar duplo sentido. Foram apresentadas três propostas de nomes: “Ervanópolis”, “Valenciópolis” e “Amambai”. A última foi escolhida como forma de valorizar a cultura indígena local, denominada Amambai, em documentos circulares desde 1914, como afirma Sobrinho (2009).

A respeito da educação em Mato Grosso na primeira República, Sá e Sá (2011), afirmam que a disseminação da população em diversas localidades, a dificuldade de acesso pela quase ausência de estradas, a pobreza das famílias das cidades do interior e a falta de comunicação, inviabilizava qualquer projeto educacional para Mato Grosso. “A situação do ensino público estadual era bastante precária: faltavam professores, alunos, materiais escolares e prédios adequados para funcionamento das escolas”. (SÁ e SÁ, 2011, p. 29).

No distrito de Patrimônio União, hoje Amambai, não era diferente, faltava professor, espaço físico adequado, material didático e uma infinidade de recursos, considerados mínimos para o processo de escolarização. Cabia ao professor providenciar o material didático, em uma época em que até o papel era escasso. Usavam-se cartilhas, livros velhos e tudo era aproveitado como: folhas de cadernos, papel de calendário e de jornais, entre outros, a fim de ser utilizado como apoio para a preparação das aulas.

Nesse período, era comum que os pais escolhessem alguém entre os letrados da região para ser professor de seus filhos e a escola funcionava na casa do professor, na perspectiva dos conhecidos “mestre-escola”. O Professor João Pantalhão Dourisboure foi um deles. Teve-se acesso a cinco de seus cadernos, identificados como dele pela caligrafia. Nesses cadernos, há conteúdos que parecem ter sido escritos para o seu uso como professor, entre as décadas de 1930 e 1960. Os cadernos analisados são portadores de conteúdos e de formas de se ensinar esses conteúdos, considerando, conforme Vidal e Faria Filho (2005, p. 24), “que não há prática escolar desligada das condições materiais de sua efetivação”.

Os cadernos, aqui analisados, são exemplo desse aproveitamento de materiais tendo em vista a precariedade de papel e de livros, como se apresentará a seguir. Antes, porém, deve ser feita uma breve apresentação do professor e sua formação.

Professor João Pantalhão Dourisboure

De acordo com Dirce Ávila⁵, a terceira dos dez filhos do Professor João Pantalhão Dourisboure, seu pai era descendente de franceses, filho de Pedro Dourisboure e Joaquina Dourisboure (conhecida como Joaquina Francesa). Nascido em 24 de agosto de 1893, João Pantalhão Dourisboure foi professor primário de uma escola rural isolada⁶ denominada Escola Corralito, entre as décadas de 1930 e 1960.

O Professor Dourisboure não possuía formação de normalista, mas foi considerado apto a ensinar, pois tinha bastante conhecimento que fazia com que as pessoas o elegessem para dar aulas para as crianças que viviam em locais distantes da cidade. Assim como grande parte dos docentes de escolas rurais isoladas naquela época, ele era um professor leigo. Como afirma Sá e Sá (2011, p. 38), “qualquer pessoa considerada idônea, dentro dos padrões morais da sociedade, poderia ser professor, institucionalizando o professor leigo”.

Sobre a formação dos alunos, o Professor Sobrinho (2009) afirma que levava entre dois a três anos para as crianças aprenderem a ler, escrever e fazer as quatro operações: somar, diminuir, multiplicar e dividir e, assim, já eram consideradas alfabetizadas. Trata-se da instrução primária rudimentar, prevista no Regulamento da Instrução Pública de 1927, para as escolas isoladas rurais.

No que diz respeito ao pagamento dos professores, a princípio, ficava a cargo dos pais das crianças e quando não tinham dinheiro, pagavam com mercadorias. “Era comum na época receber mantimentos pelos serviços prestados, já que o dinheiro era difícil e só se tinha dinheiro ao venderem algum produto” (SOBRINHO, 2009, p. 188).

João Pantalhão Dourisboure trabalhava de manhã no armazém de Corralito, onde vendia produtos alimentícios para as pessoas que trabalhavam nas fazendas e não podia ir à cidade fazer suas compras e, no pe-

⁵ Nascida em 22 de outubro de 1926, em Corralito, no distrito de Patrimônio União, mais conhecida como Dona Pequena.

⁶ Definição dada às escolas localizadas a mais de três quilômetros da sede do município, conforme Regulamento da Instrução Pública de 1927.

ríodo, vespertino era professor na Escola Corralito, cargo para o qual foi nomeado pela prefeitura municipal de Ponta Porã, em 1936, como evidenciado pelo Documento oficial de nomeação do Estado, transscrito abaixo:

ESTADO DE MATO GROSSO

Acto Nr. 294.

O cidadão Xavier Gonçalves da Silva, Prefeito do Município de Ponta Porã, Estado de Mato Grosso.

Havendo das atribuições referentes a seu cargo, resolve nomear ao Sr. PANTALHÃO DOURISBOURE para exercer as funções de PROFESSOR MUNICIPAL da Escola Corralito, do Distrito de Patrimônio da União, neste Município.

Cumpre-se e comunique-se.

Prefeitura Municipal de Ponta Porã, 2 de MARÇO de 1936.

Até 1943, com a criação do Território Federal de Ponta Porã⁷, escolas isoladas rurais que contavam com um número maior de alunos tiveram seus professores nomeados pela Prefeitura de Ponta Porã. A partir de então, o Território Federal de Ponta Porã assumiu todas as escolas municipais, implantando diretrizes a serem seguidas e realizavam, periodicamente, cursos de aperfeiçoamento para os professores da região.

Primeiramente, os professores faziam o curso de aperfeiçoamento e, depois, apresentavam o diário de lições, que era um plano de ensino que seria desenvolvido durante o ano letivo, o qual era assinado pelo inspetor escolar. (SOBRINHO, 2009, p.187). A partir de então, eles tiveram que se preparar para uma nova modalidade de ensino a ser seguida, já que agora pertenciam a uma Inspetoria de Ensino e precisavam estar habilitados para atender ao novo regulamento da escola pública.

⁷ O Território Federal de Ponta Porã, criado em 1943, abrangia os municípios de Dourados, Bela Vista, Miranda, Maracaju, Nioaque, Ponta Porã e Porto Murtinho. Esses municípios estiveram indiretamente subordinados à União, durante o período em que o Território existiu.

Em março de 1952, Dourisboure foi aprovado nos exames para ingresso no magistério, como demonstra o Certificado de Habilitação, Registrado no Departamento de Educação e Cultura, sob n. 8 a fls. 2 do livro A, na capital Cuiabá, em 30 de abril de 1952, transrito abaixo:

Estado de Mato Grosso
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
Certificado de Habilitação

Conferido a João Pantaleão Dourisboure filho de Pedro Dourisboure, nascido em 24/8/1893, tendo em vista a aprovação obtida nos exames para ingresso no magistério com média final 59, das provas escritas e ____ pontos no concurso de títulos.

Certificado Registrado no Departamento de Educação e Cultura, sob n. 8, fls 2 do livro A.

Cuiabá, 30 de abril de 1952.

Outro comprovante desse concurso é a publicação no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, República dos Estados Unidos do Brasil, do ano LXI, Cuiabá quarta-feira, 12 de março de 1952, com o resultado do concurso do Magistério Primário. No jornal, consta o nome do Professor João Pantalhão Dourisboure aprovado no concurso para assumir a função docente com média final 59. Além dele, foram aprovados outros seis professores no município de Amambai, com a seguinte classificação:

MUNICÍPIO DE AMAMBAI
LEIGAS

pontos ganhos

José Darcy Guazinas.....	75
Felisbino Pires de Arruda.....	70
Olga de Sampaio Ferraz.....	70
Domici Peixoto Albuquerque.....	66
João Pantalhão Dourisboure.....	59
Maria Adellina de Oliveira.....	59
Benigno Nardis de Vasconcelos.....	50

Diretoria do Departamento de Educação e Cultura em Cuiabá, 6 de março de 1952. (Diário Oficial de Mato Grosso, 1952, p. 2).

Durante seu período de atuação e formação o Professor João Pantalhão Dourisboure foi elaborando e utilizando os cadernos que apresenta-se a seguir.

Caderno marrom: “Compenoméia nomes da gramática que trata das flexões”

Possui capa marrom, medindo 27 x 11 cm. Apresenta numeração progressiva de folhas de 1 a 20, feitas manualmente pelo dono do caderno, que só enumerou a folha direita no canto superior. Mas, o verso das folhas também foi usado. As folhas entre 18 e 20 estão em branco, ou melhor, sem escrito e bem amareladas pelo tempo. Trata-se de um caderno feito manualmente. Para tal utilizou-se a capa de um livro como capa do caderno, que por sua vez foi encapado com papel de embrulho marrom. Na folha 8 aparece a linha de cor verde usada para costurar as folhas do caderno.

A precária condição financeira era uma das razões de se utilizar sobras de papel para a construção de cadernos. Soma-se a esse fator a distância dos grandes centros e a ausência de estradas, como apontam Sá e Sá (2009), além da escassez e do alto custo do papel no Brasil, até a década de 1950, como afirma Silva (2007).

No papel de embrulho que encapa o caderno, aparece na parte superior e inferior a afirmação: “Compenoméia nomes da gramática que trata das flexões”. A frase está escrita à caneta com a mesma letra usada no corpo do caderno. Na primeira folha, existe um bilhete solto escrito a lápis com os dizeres: “compenoméia, os nomes da gramática que trata das flexões, supressão de letra ou sílaba das palavras”.

A primeira folha contém três parágrafos escritos à caneta com letra cursiva, as consoantes são bem altas e as vogais são bem alinhadas com as outras letras, seguindo sempre o mesmo padrão. Em algumas folhas, percebe-se que foram feitas pautas a lápis para a escrita do texto.

O conteúdo do caderno é apresentado em média com três parágrafos por folha. Na primeira folha, há explicações de análise gramatical, de

como usar os pronomes e os artigos. Por exemplo: “a” pode ser: adjetivo articular definido, ou artigo definido, quando modifica o substantivo. “A lua é um satélite do tema, variação pronominal, pronome oblíquo, pronome demonstrativo” (f. 1). Parece-nos tratar-se de um planejamento de aula de Língua Portuguesa.

Na segunda folha, há três parágrafos, na primeira linha, há uma frase riscada, e segue os exemplos de como usar a gramática. Na terceira folha, há vários exemplos de como usar pronomes: “como – pode ser pronome relativo, quando significa pelo qual, pela qual, pelos quais e pelas quais. Pelo modo como estuda, não irá a exame” (f. 3).

Na folha quatro, há três parágrafos, com explicações de adjetivos e pronomes: “Demais– adj. indef. (Os demais alunos entram às 12 horas): – pron. indef. (Você é mais e ainda desencaminha os demais); adv. de quantidade (Nunca estudaste demais); e, conj. continuativo (demais), além disso, como quiseres ser aprovado se nunca estudaste” (f. 4).

Os vestígios de produção manual do referido caderno, bem como a escrita que nele se apresenta, enquanto forma e conteúdo, permitem evidenciar uma série de significações, como afirma Fernandes (2008, p. 49-50):

O caderno escolar, no seu território próprio, depõe sobre uma pluralidade de significações: orientação do ato educativo em que se captam objetivos políticos e sociais, além de teorias e práticas pedagógicas, relação professor-discípulo no quadro da sala de aula, estética da ilustração dos modelos de escrita e, finalmente, as interfaces econômicas, designadamente comerciais que lhe suportavam a difusão ou decorriam dela.

Sobre as datas presentes nesse caderno, atrás do papel de embrulho que encapa o caderno (parte interna do papel) há uma data a lápis: “17-3-1939”. Na terceira folha, na parte superior, há uma data de “2-10-1945”. Nessa folha, há dois parágrafos, um com quatro linhas e o outro com vinte linhas. A folha cinco apresenta ao final a data “7-12-1945”.

Caderno BIG: a importância das cartas

Trata-se de um caderno industrializado, com desenho de uma mulher sentada em um globo e dentro do globo escrito *BIG*, encapado com papel de cor verde. Mede 23 x 13 cm. No verso, encontra-se impresso o Hino Nacional Brasileiro.

Da 1^a até a 19^a folha, há resumos de atividades que o professor usava nas aulas de Gramática da Língua Portuguesa. Entre a capa e o papel que encapa o caderno, há três folhas soltas, uma inteira e duas cortadas ao meio. A folha inteira contém um poema que termina no verso da folha. As outras duas de gramática e uma delas contêm as letras do alfabeto de “a” a “j” em maiúscula. Junto a essas folhas soltas há um certificado de registro, com carimbo de “Vila Amambai – Brasil” do ano de 1953.

Na contracapa do caderno, aparecem as frases: “a natureza reconheceu 3 céus 1º, a região do ar e das nuvens, 2º o espaço, 3º para além deste é a morada do Altíssimo 1958”. Demonstrando a religiosidade do dono do caderno. No entanto, a maior parte do seu conteúdo é de modelos de cartas, sendo a maior parte com cartas de notícias e felicitações. Cada folha contém uma carta destinada a alguém, um amigo, um pai, uma mãe, um irmão.

Deve-se considerar que as cartas eram o meio de comunicação mais utilizado na época desses cadernos, o que justifica sua importância como conteúdo escolar. Era apropriado que nas aulas de Língua Portuguesa se ensinasse a escrever cartas. Saber redigir uma carta era muito importante. Por meio delas, se recebiam notícias dos parentes ou amigos que estavam morando em outro local. Cartas, como instrumento de comunicação, são escritas, desde a Antiguidade, com característica e objetivos diferentes. Escrever cartas era tão importante quanto saber ler, por isso havia tantos modelos de cartas nos cadernos, acreditamos.

A experiência pessoal permite afirmar que a maior alegria da família era quando seu filho conseguia ler e escrever uma carta, assim os pais não precisavam recorrer a alguém de fora para escrever ou fazer leitura da carta, pois seu conteúdo podia gerar constrangimento.

Transcreve-se abaixo um modelo de carta presente nesse caderno:

Meu caro am.

Foi realmente com prazer que recebi a notícia do seu casamento com a ex. H DF Felicito-o pela escolha, pois, sei o quanto a família de sua senhora é digna de maior respeito e consideração. Conheço pouco a senhora que hoje faz a felicidade do meu lar. Viam-a apenas algumas em casa de minha irmã, mas confesso lhe que a sua apresentação modesta e reservada, os finíssimos dotes do seu espírito, me levaram a desejar lhe aventura de encontrar no futuro quem devidamente apreciasse os sedutores encantos de sua gentil pessoa e os delicados dotes do seu boníssimo caráter. Apraz-me que tudo realizaram a medida dos meus desejos, pois que a vejo unida a um verdadeiro homem de bem. Rogando-lhe a apresentação dos meus respeitosos cumprimentos a sua esposa, conte-me sempre com seu amigo.

Teu dedicado afetuoso am.

25-8-1950

Como essa carta, as demais apresentam uma formalidade no tratamento, sempre com elogios e respeito ao falar do outro e ao referir-se à pessoa que iria ler a carta.

O conteúdo das cartas leva a questionar se seriam mesmo utilizadas como modelos em sala de aula, tendo em vista o público do ensino primário. Poderiam, por outro lado, ser cartas escritas no caderno, como forma de rascunho ou de registro, antes de serem enviadas. De todo modo, o conteúdo das cartas, também, evidencia que não eram todas pessoais, podendo tratar-se de cartas escritas pelo professor a pedido de pessoas diversas.

Além da importância de saber escrever uma carta, esse caderno do Professor João Pantalhão Dourisboure leva a pensar sobre a importância de uma boa caligrafia. A caligrafia perfeita era um desejo a ser alcançado naquele contexto, como parte do conteúdo a ser ensinado no ambiente escolar. Nesse sentido, os cadernos propiciam uma visão do conteúdo estético da escrita, pela grafia.

A partir da folha 14, as cartas são destinadas a trabalho, negócios, cobrança etc. Encontram-se, também, modelos de requerimento e abaixo assinados.

Nas folhas 15 e 16 do caderno, há três cartas. Transcreve-se a carta de cobrança, que vai do fim da folha 15 até à 16.

Ilu^{mo} Sr.

Desde que há dois anos ajustamos a nossa conta, esta é a terceira vez que lhe escrevo a pedir que me pague o saldo dela. Tem você abusado da minha paciência sem ao menos se dignar responder as nossas cartas! Previno-o de que, não me pagar até... empregarei contra v^a s, os meios de rigor ao meu alcance. Espero que me não obrigue a este extremo e que satisfaça pontualmente os seus encargos. 3-9-1950

Seu atento remuiderador

Nota-se que a escrita começa antes da primeira linha, como provável forma de aproveitamento máximo do caderno.

A materialidade histórica produzida por esses cadernos mostra o quanto o professor valorizava a escrita. Os cadernos do Professor Dourisboure são verdadeiras relíquias, que resgatam histórias antigas de grande importância, fazendo com que memórias esquecidas possam ser retomadas e ensinadas a novas gerações.

Caderno “rosa” de capa dura: a importância do trabalho

Encapado com três papéis, o primeiro de cor rosa, muito envelhecido, e os outros dois com papel marrom claro, a capa original é dura e de cor preta. Possui 50 folhas e mede 16 x 11 cm. No primeiro papel que foi encapado o caderno, há algumas anotações de gramática. A segunda capa, também possui registros, escritos a lápis, com algumas partes passadas a caneta azul. Encontram-se cálculos na contracapa.

O conteúdo escrito na primeira folha desse caderno enfatiza a importância do trabalho:

O trabalho

O trabalho é uma lei da natureza, por isso mesmo que é uma necessidade, e a civilização obriga o homem a mais trabalho porque lhe aumenta as necessidades e os gozos. Aquele que é muito fraco Deus deu a inteligência em compensação, mas esta

é sempre um trabalho, Deus condena aquele cuja existência é voluntária inútil e que só vive à custa do trabalho dos outros. Deus quer que cada um se torne útil segundo as suas faculdades. Os pais têm a obrigação de trabalhar para os filhos, assim como a lei da natureza impõe aos filhos a obrigação de trabalhar para os pais na sua velhice. (f. 1)

A preocupação de reforçar a importância do trabalho na sociedade, apresentada nesse caderno, remete a afirmação de Moreira (2011) sobre a “positivação” do trabalho produtivo, visto como essencial para as relações sociais e a construção do país no período estadonovista. Outra observação sobre a ênfase na valorização do trabalho diz respeito à relação de oposição da sociedade letrada aos modos de vida do índio, tão presentes naquela região. Segundo Moreira (2011), a literatura didática na Era Vargas apresentava os índios como preguiçosos, avessos ao trabalho pessado.

Na folha seis, há escritos que parecem tratar-se de conteúdos escolares sobre ciência e religião, contemplando o significado de palavras, como por exemplo: “poligamia: casados com muitas mulheres; infanticídios: morte dada a uma criança”.

A partir da folha nove, os conteúdos variam entre gramática, geografia e história. Os escritos sobre história trazem nomes de grandes heróis nacionais, datas comemorativas e nomes dos principais governantes. No tocante à geografia estão escritas informações sobre regiões do país, principais rios e afluentes.

Percebe-se que nesse caderno grande parte das frases foi escrita a lápis e depois passada a caneta. Tal constatação remete ao valor que tinha o papel nesse momento, como objeto caro e raro. Nesse sentido, era uma questão de garantia escrever primeiro a lápis. Depois de definido o conteúdo, a caneta serve para conservar por mais tempo o texto escrito. O que leva a pensar sobre as práticas de escrita desse período. Como observa Castillo Gómes (2012, p. 68), os cadernos revelam “modelos, exemplos e testemunhos, reais e fictícios, de distintas modalidades textuais, cuja coexistência, nesse espaço gráfico, expressa a pluralidade de matizes observáveis nas escritas”.

Na última folha desse caderno, há uma frase com os dizeres: “Pery seguiu p Patrimonio União p empregar-se com o Neto dia 16 de agosto 1939”.

No final dessa última folha aparece o escrito: “Noções gerais – Globo Terrestre – Geografia – Física-Parte Terrestre-Parte Marítima, Geografia Política Mato Grosso”. Na contracapa do final do caderno, há uma frase a lápis sobre noções de matemática: “o número maior chama-se minuendo, o número menor chama-se subtraendo”. Nas costas do caderno, no papel cor-de-rosa, há um poema sobre a natureza e na parte final do poema, há uma definição de preposição “preposição liga duas palavras indicando qual a relação que há entre elas”.

Caderno verde: entre o pessoal e o profissional

Esse caderno possui algumas folhas verdes outras marrons, devido à mistura do papel utilizado na sua confecção algumas folhas estão bem amareladas pelo tempo. Foram utilizadas folhas de diferentes cadernos e papel de promissórias, entre outros materiais para se produzir esse caderno que mede 16 x 12 cm e não possui capa. Na parte externa do caderno foi utilizada uma folha verde. Possui alguns furos, provavelmente por causa do tempo. As datas apresentadas no caderno referem-se à década de 1930.

Apresenta numeração de folhas de 1 a 40. As 18 folhas restantes não são numeradas. Encontram-se variações nas cores das canetas usadas para escrever as anotações existentes no caderno, entre tons de azul e preto. Algumas pautas foram feitas a lápis.

O caderno possui escritos sobre noções gerais dos rios da região, mensagens de saudações e data de falecimento de familiares, como por exemplo, “Dia 20 de junho de 1939 às 5 horas da manhã faleceu minha mulher” (f. 11). Esse exemplo evidencia que além do conteúdo escolar, a ser ensinado aos alunos, o Professor João Pantalhão Dourisboure também fazia de seus cadernos uma espécie de diário, registrando, mesmo

que em espaço marginal do caderno, acontecimentos que faziam parte de sua vida pessoal.

O caderno em questão também apresenta um conjunto de cartas, dedicadas a amigos, familiares e outros, como a que transcrevemos abaixo, da folha 23-24:

Cuiabá 2 de janeiro de 1939.

Prezado amigo A. L.

Recebi hoje a sua carta já de passar mês que muito me sensibilizou por saber de sua situação precária e difícil. Há tempo lhe escrevi, e ao prezado amigo Nonô Afrano Gonçalves, indicando o caminho que o amigo devia seguir para pleitear a sua aposentadoria, porque tenho o maior prazer em compensar, dado a ligação de amizade (...).

Abraços de seu amigo

J.Pna

Assim como em outros cadernos, percebe-se o máximo aproveitamento das folhas por parte de seu dono, ao utilizar-se de todas as pautas possíveis para escrever os conteúdos que lhe parecia mais apropriado. Havia uma espécie de racionamento na escrita do caderno, pois naquela época, era caro e difícil adquirir esse produto.

Uma curiosidade encontrada no caderno foi um texto referente à solicitação de compra de livro:

(...) junto a esta encontrará a quantia de 10,000 em dinheiro para você mandar-me pela jardineira do correio de Campo Grande uma gramática, uma de geografia, vai o dinheiro em carta registrada em valor declarado para evitar extravio, espero breve receber os livros”(f. 43).

A solicitação transcrita acima evidencia o procedimento utilizado pelo Professor João Pantalhão Dourisboure para a compra de livros, que ao que vemos, seria utilizado em suas aulas. Tal pedido demonstra a busca pela atualização de conhecimentos por parte do professor e os procedimentos necessários para a compra de livros naquele contexto, como o meio de entrega, a forma de pagamento, a indisponibilidade dos livros desejados na cidade de origem etc., como indício de práticas da cultura letrada.

Caderno sem capa: o predomínio da Língua Portuguesa

Esse caderno mede 15 x 11 cm, é o menor de todos eles em metragem e número de folhas. Como em outros casos, foi elaborado com “sobras” de folhas. Contém 12 folhas bem amareladas, ruídas e manchadas, devido ao tempo. A segunda folha apresenta entre as linhas do texto o nome do distrito e uma data, escritas com letras pequenas: “Vila União 15 de outubro de 1940”.

Para sua elaboração, utilizaram-se seis folhas de outro caderno, dobradas ao meio e costuradas com linha branca. Por isso, com exceção da primeira folha, os escritos no caderno estão na vertical. Apesar do tempo, a grafia permanece nítida, com traços precisos. No entanto, como não possui capa, algumas palavras estão um pouco apagadas na primeira folha, escritas na horizontal.

Os conteúdos escritos nesse caderno são variados, entre Língua Portuguesa, Religião, Ciências e Matemática. Mas, as explicações de gramática da Língua Portuguesa são as que predominam.

O conteúdo de gramática da Língua Portuguesa nesse e em outros cadernos, aqui apresentados, remete à campanha de nacionalização apresentada por Getúlio Vargas, com destaque para a importância do ensino da língua nacional: o português. Durante a Era Vargas ficou proibido o uso de qualquer outra língua que não fosse a língua pátria e as escolas de imigrantes foram fechadas.

Em *O poder da linguagem na Era Vargas: o abrasileiramento do imigrante*, Rocha afirma que:

A fala e a escrita em língua portuguesa tornaram-se sinônimas de identidade nacional, sendo que a não empregabilidade deste mesmo idioma, era visto como fator de exclusão e sérias medidas deveriam posteriormente ser empregadas por órgãos públicos. A Constituição de 1934 propunha estabelecer restrições quanto à formação educacional, ficando proibida a formação de agrupamentos de elementos “alienígenas” no Brasil. Escolas étnicas foram fechadas ou tiveram seu material didático em língua estrangeira recolhido, passando a ser obrigatório o ensino em língua portuguesa.

gua portuguesa; tais medidas foram justificadas pelo Decreto 406 de maio de 1938 pelo qual fica decretado que todo material utilizado na escola fosse em português, que todos os professores e diretores fossem brasileiros natos, que nenhum livro, revista ou jornal circulasse em língua estrangeira. (ROCHA, 2006, p. 3-4).

No caso do distrito de Vila União ou Patrimônio União, no município de Ponta Porã, a proximidade com o Paraguai e a presença de índios guaranis fez com que a língua nacional, ou seja, a língua portuguesa, fosse fortemente imposta pelo governo Vargas como forma de controle da fronteira.

No meio, onde está dividido o caderno, há escritos de provérbios sobre o “criador do mundo”, contém três estrofes registradas da seguinte forma:

Da nossa crença as verdades são que há um só Deus criador, em três pessoas distintas a quem devemos amor, Pai Filho e Espírito Santo são iguais em perfeição, mais o filho se fez homem para nossa redenção, nasceu da virgem Maria (f. 6).

A religião era muito provavelmente transmitida como conteúdo escolar, nas aulas do Professor José Pantalhão Dourisboure, considerando-se que, após ter sido proibida durante a Primeira República, o Ensino Religioso passa a ser facultativo nas escolas públicas do país a partir da Constituição de 1931⁸.

Considerações finais

O presente artigo é uma primeira análise dos cadernos do Professor Dourisboure, elaborados por ele entre as décadas de 1930 e 1960, no sul do antigo Mato Grosso. Apresenta-se, portanto, uma perspectiva de panorama desses cadernos, pela sua materialidade, enquanto elaboração e conteúdos. A análise permitiu evidenciar alguns indícios da cultura escri-

⁸ A respeito do ensino religioso na Era Vargas, conferir Cavalcante (1994) e Moura (2000).

ta, da cultura letrada e da cultura escolar próprias do tempo e espaço em que os cadernos estavam inseridos.

Ficaram evidentes as dificuldades de acesso a livros, cadernos e materiais didáticos por parte do professor da escola rural “Corralito”. Os cadernos foram analisados como alternativas criadas pelo professor para amenizar a escassez de recursos escolares. Além disso, o aproveitamento das folhas, com a escrita antes da primeira linha e o exercício de escrever primeiro a lápis e depois passar a caneta, parece fazer parte das práticas de escrita da época, elucidando como os cadernos eram raros. Tal raridade levou, inclusive, a confecção artesanal de cadernos a partir do aproveitamento de papéis diversos. Dos cinco cadernos analisados, quatro foram produzidos manualmente.

Sobre o conteúdo escrito nos cadernos, destacam-se vestígios de características marcantes da Era Vargas. As aulas de História e Geografia eram revestidas de um conteúdo ideológico e transmitidas, dentre outras formas, por meio de poemas, que valorizavam símbolos pátrios, contribuindo para o sentimento nacionalista.

A ênfase nos conteúdos de gramática da língua portuguesa, correspondendo à grande parte dos cadernos do professor, suscita ao cumprimento dos decretos de proibição de outra língua que não fosse a portuguesa durante a Era Vargas, em especial, considerando a região de fronteira onde se localizava a Escola Corralito, no sul de Mato Grosso uno, divisa com o Paraguai e com a presença constante dos guaranis, fatores considerados ameaçadores da nacionalidade ditada à época.

Outro vestígio da Era Vargas foi a preocupação em reforçar a importância do trabalho, essencial para as relações sociais e a construção do país, em especial no período do Estado Novo. Além disso, a ênfase na valorização do trabalho nos leva a considerar a relação de oposição e negação da sociedade letrada aos modos de vida do índio, presente naquela região, como gente preguiçosa e avessa ao trabalho produtivo.

Destaca-se, ainda, o conteúdo de cartas em dois dos cinco cadernos analisados. Considerando que as cartas serviam de modelo para as aulas do professor, observa-se a carta como o meio de comunicação mais utili-

zado naquela época, justificando sua importância enquanto parte do conteúdo escolar.

A investigação sobre vestígios da cultura escolar pelos cadernos do Professor João Pantalhão Dourisboure foi possível porque esses cadernos não foram deixados “num canto qualquer”, foram “guardados” por alguém que entende seu valor como fonte preciosa para a história da educação. Nesse sentido, enfatiza-se a importância da conservação dessas fontes, que apresentam “testemunhos insubstituíveis”⁹ sobre as práticas escolares. Afirma-se, por fim, que o trabalho aqui apresentado é apenas o primeiro, de muitos “olhares” que essas fontes possibilitam, considerando, como afirma Chartier (2002), que o caderno é uma fonte ao mesmo tempo fascinante e enigmática.

* * *

Referências

- CAVALCANTI, R. *Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica*. 3. ed. São Paulo: Temática Publicações, 1994.
- CHARTIER, A-M. Um dispositivo sem autor: cadernos e fichários na escola primária. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, n. 3, 2002, p. 9-26.
- FERNANDES, R. O marco no território da criança: caderno escolar. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). *Cadernos à vista. Escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008.
- GÓMEZ. A. C. Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. *Educação*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 66-72, jan./abr. 2012.
- MOREIRA, K. H. *O ensino de história do Brasil no contexto republicano de 1889 a 1950 pelos livros didáticos: análise historiográfica e didático-pedagógica*. 2011. 236 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011.

⁹ Expressão usada por Anne-Marie Chartier (2002, p. 13) ao se referir aos cadernos como fontes de pesquisas históricas.

- MOURA, L. D. de. *A educação católica no Brasil*: passado, presente, futuro. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- ROCHA, S. *O poder da linguagem na Era Vargas*: o abrasileiramento do imigrante. Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 6. Santa Catarina, 2006, p. 1-6.
- SÁ, E. F. de (Org.); SA, N. P. (Org.). A escola pública primária mato-grossense no período republicano (1900-1930). In. *Revisitando a história da escola primária*: os grupos escolares em Mato Grosso na primeira república. Cuiabá: EdUFMT, 2011, p. 29-54.
- SILVA, P. R. de S. T. da. *Padrão de financiamento da indústria de papel e celulose no Brasil nos anos 1990*. 110 f. 20007. (Dissertação) Economia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo 2007.
- SOBRINHO, A. P. *Amambai*: memória e história da nossa gente. São Carlos-SP: Pedro e João Editores, 2009.
- VIDAL, D. G.; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *As lentes da história*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 7-39.
- VIÑAO FRAGO, A. Os Cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). *Cadernos à vista*. Escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

Recebido em 28 de janeiro de 2018.
Aprovado em 13 de março de 2018.